

UM ESTUDO A RESPEITO DO CIÚME NOS CONTOS “VENHA VER O PÔR DO SOL” E “A ESTRUTURA DA BOLHA DE SABÃO”

Ana Flávia Queiroz Furtado (IC) e Cristhiano Motta Aguiar (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

O presente artigo discute as ideias de ciúme e rejeição ao analisar dois contos de Lygia Fagundes Telles, “Venha ver o pôr do sol” e “A estrutura da bolha de sabão” presentes na obra *Pomba enamorada ou uma história de amor* de 2013. A fim de melhor elucidar o tema do feminino e dos caminhos da literatura brasileira contemporânea, os dois contos são analisados à luz de PELLEGRINI (2002) e VIEIRA (2002), o segundo como forma de melhor entender como o ciúme se desenvolveu na literatura ocidental, bem como analisa a obra de Lygia a partir de suas próprias percepções a respeito do gênero conto, paixão e rejeição com base em entrevista para o Instituto Moreira Salles (1998), uma vez que a obra está ligada a perspectiva de seu autor sobre determinado assunto. Além disso, também se usa LAJOLO (2001) e GOTLIB (1990) para melhor entender questões ligadas à literatura e o gênero avaliado, assim como se utiliza de MOISÉS (2012) a fim de compreender o realismo intimista de Lygia Fagundes Telles, já que é através de um olhar astuto e perspicaz que se consegue compreender sua obra como um todo e, somente assim, sendo capaz de reconhecer da forma mais adequada a construção de ambas as narrativas, assim como desmembrar as questões interiores de seus personagens, tomados por sentimento de rejeição e ciúme no caso dos dois contos analisado neste artigo, promovendo uma rica discussão a respeito da violência e o espaço da mulher na literatura.

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles. Literatura Brasileira. Literatura contemporânea.

ABSTRACT

The current article discuss the concept of jealousy and rejection by reviewing two Lygia Fagundes Telles' tales, “Venha ver o pôr do sol” and “A estrutura da bolha de sabão” found in the work from 2013, *Pomba enamorada ou uma história de amor*. In order to further clarify the theme of the feminine and the path of the contemporary Brazilian literature, both tales are reviewed under the light of PELLEGRINI (2002) and VIEIRA (2002), with the latter as a mean to comprehend how the jealous is developed in the Western literature, as well as analyze Lygia's work from its own perceptions regarding the literature genre of tale, passion and rejection according to an interview for Instituto Moreira Salles (1998), once that the work is related to the author's perspective about given subject. Furthermore, it is also used LAJOLO (2001) and GOTLIB (1990) in a way to give a better understand the subjects related to literature and the assessed genre, it is also employed MOISÉS (2012) in order to comprehend Lygia

Fagundes Telles' intimate realism, since it is essential to have astute and keen eyes to understand its work as a whole and, only this way, to be capable of recognizing the most adequate form of construction in both narratives, as well as dismember the characters internal issues, taken over feelings of rejection and jealousy regarding the two tales reviewed in this article, thereby promoting a wealthy discussion concerning violence and the women's space in literature.

Keywords: Lygia Fagundes Telles. Brazilian literature. Contemporary literature.

1. INTRODUÇÃO

Romancista e contista contemporânea da literatura brasileira, a paulista Lygia Fagundes Telles foi vencedora do prêmio Camões em 2005 e indicada ao Nobel de Literatura no ano de 2016. Criadora de inúmeras personagens que contestam os padrões, representam a miséria humana e retratam as angústias burguesas, entretanto, nem todas as suas publicações apresentam apenas estas características, como escritora, Lygia é dona de diversas faces e considerar apenas as aqui colocadas é reduzir toda sua obra a uma simples perspectiva.

Além disso, apesar de ser formada em Direito pela Universidade de São Paulo, a escritora quase não se dedicou a vida de advogada, por outro lado, pode-se inferir que sua experiência como uma das poucas mulheres em sua sala de aula reflete-se na independência que suas personagens femininas apresentam, como Raquel em “Venha ver o pôr do sol”, cujo conto faz parte do presente estudo ou Lia de Melo Schultz em sua obra mais famosa, *As meninas*. Há também em suas obras uma sutileza intimista, o que faz com que qualquer leitor seja capaz de se identificar com suas personagens fictícias, como bem esclarece Sônia Régis no ensaio “A densidade do aparente” presente no volume número 5 dos Cadernos de Literatura Brasileira (1998), em que Lygia Fagundes Telles é a homenageada:

Sua linguagem é substantiva, despojada dos excessos qualitativos. O resultado desse trabalho árduo é a vivência realista que temos de seu imaginário. Ao adensar o discurso na intensidade do movimento mental das personagens, acompanhando-as em seu pensamento, faz com que fiquemos à mercê de conteúdos que enaltecem nossa capacidade de reconhecer no outro os nossos próprios conteúdos. A espontaneidade das falas e dos diálogos, fruto de um modelar trabalho linguístico em todos esses anos de fiel dedicação à narrativa, imprime traços de água forte na memória do leitor. (RÉGIS, 1998, p. 89).

Como escritora bem colocada em seu tempo, Telles não exhibe em suas obras arquétipos femininos de natureza sentimental e amável como as regras instituídas pelo Romantismo brasileiro, até então, pelo contrário, suas personagens são diferentes, independentes, militantes e construídas de forma contrária ao que se espera do “Anjo do Lar”. Isto, é claro, não significa que suas personagens são menos femininas, toda personagem mulher é feminina por si só.

Mesmo que as mulheres de Lygia não sigam os padrões tão fortemente descritos em diversas obras ao longo dos anos, não as torna menos curiosas e instigantes no momento de uma pesquisa. Não cabe aqui comparar a feminilidade de Iracema e Raquel (protagonista de “Venha ver o pôr do sol”), mas de apresentar a realidade diferente em que as personagens

dos contos analisados se inserem, pois, como tudo na literatura, há um contexto histórico em que a obra está inserida, logo, a escrita e temática de Lygia Fagundes Telles se diferem por inteiro daquelas manifestadas por José de Alencar, por exemplo.

A temática, neste caso, está intimamente ligada à personagem feminina. Tânia Pellegrini em seu artigo intitulado “A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade” publicado em 2002, constrói de forma concisa uma perspectiva a respeito das temáticas presentes na literatura brasileira desde os tempos de sua formação. Assim sendo, a história de nossa literatura começa muito antes da crise socioeconômica Portuguesa que culminou na independência do Brasil, contudo, é neste momento que se percebe uma ideia eufórica nova para construção de um novo país e uma nova literatura com base naquilo que realmente pensávamos, diferente de tudo aquilo que a metrópole havia apresentado.

Neste momento, surgiram os guaranis que tentavam nos diferenciar da Europa neste ponto tão único de nossa história, por outro lado, nossos índios e sertanejos ainda bebiam das fontes europeias, porque este era o único ideário que tínhamos na época, portanto, não é de se surpreender quando começar a emergir a literatura urbana com base nos parâmetros franceses, “onde as moreninhas embalavam sonhos d’ouro com moços loiros, acotovelando-se nos saraus da metrópole colonial.” (PELLEGRINI, 2002, pág. 356).

É no contexto em que começa a surgir a valorização da terra, da paisagem e do homem que habita este local, em que Iracema está inserida, demonstrando a “euforia de país novo, a construir, e que, por isso mesmo, tem diante de si um vasto horizonte de possibilidades temáticas e expressivas diferentes daquelas da metrópole.” (PELLEGRINI, 2002, pág. 356) e exemplificando a visão indianista da época, logo, esta personagem de José de Alencar é uma índia que representa de forma ufanista aquilo que existe de mais brasileiro na época, romanticamente descrita e seguindo os padrões do ser feminino para o movimento literário.

Apesar de seguir modelos tipicamente europeus e ser uma índia brasileira descrita com base em padrões de outros países, a mulher dos lábios de mel, representa a conquista do espaço brasileiro e sua incorporação aos temas ligados à Literatura em construção.

Desse modo, a criação de personagens tipicamente brasileiras se inicia, basicamente, neste período e, com Iracema, permite que personagens femininas agora estejam no palco das obras e não mais nos bastidores, como também pode ser observado através de Capitu, personagem de Machado de Assis presente na obra *Dom Casmurro*, logo, ambas são uma representação mais autêntica do feminino e sua complexidade em relação a construção das personagens femininas quando ainda não tinham essa atenção ou eram protagonistas, por exemplo. Ainda assim, é perceptível ao longo do tempo que as personagens femininas,

quaisquer que elas sejam e por mais autenticidade que apresentem, são vítimas de uma categorização única, muitas vezes são mulheres brancas, burguesas e, raramente, independentes por completo, muitas vezes, elas são parcialmente independentes nas obras em que foram descritas ou que recebem seus nomes.

É justamente esta perspectiva do ser feminino que se seguiu por muito tempo, até o fortalecimento do movimento contemporâneo de autoria feminina que começou a se estabelecer em meado dos anos 60, quando também começou a se enfraquecer os temas a respeito da terra, natureza e referentes ao clã familiar, por exemplo. Com o enfraquecimento desses temas e o fortalecimento de novas temáticas de uma ficção em transição, caracterizada por descrever mais as relações humanas, a tristeza tecnológica, os movimentos sociais, porque a palavra tem um poder potencial de mudança, revelando as desigualdades e transformando as estruturas sociais, a fala feminina surge efetivamente a partir de Clarice Lispector na década de 70, uma vez que “poucas e esparsas vozes femininas conseguiram fazer-se ouvir, sem chegar a constituir sequer uma tendência” (PELLEGRINI, pág. 362) e seguida de outras grandes escritoras brasileiras, como Nélide Piñon, Sônia Coutinho, Helena Parente Cunha e Lygia Fagundes Telles.

A partir destas escritoras e obras a respeito de mulheres e para mulheres, mas não sendo obras direcionadas exclusivamente para este público, começa-se a construir novas questões na literatura a respeito do feminino. Assim sendo, as personagens apresentam uma postura bastante crítica a respeito das regras sociais e patriarcais que cercam suas vidas, há um impulso de questionamento com relação a estes modelos seguidos por tanto tempo em nossa literatura. Entretanto, as personagens apresentadas por estas mulheres ainda carregam um problema, são pertencentes à classe média e letradas, enquanto a mulher do povo e as operárias, ainda levam mais tempo para começar a aparecer em registros escritos e valorizados perante o mercado editorial ou até mesmo para a sociedade.

Carolina Maria de Jesus, por exemplo, é uma das poucas mulheres dessa época que escreveu sobre a vida de uma favelada em *Quarto de despejo*, introduzindo a violência sofrida pela mulher da forma mais bestial e dolorosa, ainda mais quando se lembra que o livro surgiu a partir de experiência própria. Carolina e sua obra reiteram que “A partir da década de 60, a nossa prosa, ficcional e não ficcional, sente a necessidade, de forma quase sistemática, de dar conta da experiência social, pública e íntima da violência” e que “a nossa prosa contemporânea é acentuadamente urbana”, como afirma Cristhiano Aguiar em seu texto *Prosa Contemporânea Brasileira e Violência* publicado em 2017. Ainda assim, sua obra ficou perdida por muito tempo e pouco norteou os campos de estudos da vida acadêmica até recentemente, mesmo no âmbito da literatura contemporânea e sendo um forte exemplo do poder da palavra para reestruturar as relações sociais.

Esta constatação prova que as mulheres mais retratadas na literatura contemporânea, são as de classe média, brancas em sua maioria, letradas e que, mesmo tendo consciência e questionando as regras sociais regidas ao seu sexo, ainda assim são pouco representadas no mercado de trabalho efetivamente como operárias, por exemplo. De acordo com Regina Dalcastagnè em 2016, na sua pesquisa *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990 - 2004*, em que avaliou cerca de 258 obras neste período das três maiores editoras no país na época (Companhia das Letras, Record e Rocco), 118 personagens femininas são donas de casas no romances avaliados, 48 são artistas e isto inclui as cantoras, atrizes e artistas plásticas, 40 não tem ocupação e apenas 16 são jornalistas, radialistas ou fotógrafas. Percebe-se visivelmente que o estudo de Dalcastagnè (2016) não reportou nenhuma mulher advogada, engenheira ou médica, o que é muito significativo considerando que estes são espaços comuns no campo de trabalho escolhidos por mulheres nos dias atuais.

Por outro lado, é importante salientar que o estudo feito por Dalcastagnè (2016) não diz respeito ao gênero do corpus de estudo deste trabalho, uma vez que foi feito a partir de romances e não contos, para que se conseguisse captar personagens mais inteiras e bem construídas. Tendo em vista que personagens de contos podem representar bem as temáticas propostas e proporcionar uma boa reflexão a partir de suas construções, que também podem ser complexas mesmo que breves, é necessário entender o que é conto em si e como suas personagens também são dignas de estudo para entendimento das relações sociais e humanas quando desdobradas algumas importantes questões referentes ao sexo feminino, como o amor, o ciúme e a violência, que são justamente temáticas avaliadas nos contos escolhidos para o presente estudo.

De acordo com Poe, citado por Nádia Gotlib no livro *Teoria do conto*, um conto bem como um poema depende do equilíbrio das partes, deve ser breve ao mesmo tempo que intenso para que o leitor tenha o mínimo interesse em continuar a leitura até o fim, mas não pode se estender demais em alguns aspectos, pois isto pode acabar com a questão da brevidade e não encantar o leitor da maneira como se deve, que é de suma importância neste gênero, como bem é explicitado pela autora no seguinte trecho:

Aí o contista norte-americano parte do pressuposto de que “em quase todas as classes de composição, a unidade de efeito ou impressão é um ponto da maior importância”. A composição literária causa, pois, um efeito, um estado de “excitação” ou de “exaltação da alma”. E como “todas as excitações intensas”, elas “são necessariamente transitórias”. Logo, é preciso dosar a obra, de forma a permitir sustentar esta excitação durante um determinado tempo. Se o texto for longo demais ou breve demais, esta excitação ou efeito ficará diluído. (GOTLIB, 1990, pág. 32).

A partir deste ponto de vista, é necessário entender que as personagens, a ambientação e o conflito devem ser descritos de forma concisa e rápida, não se pode estender muito o assunto, porque o gênero conto é antes de mais nada a respeito da brevidade. A conquista pela história deve ser feita imediatamente, é preciso saber dosar as medidas e descrições da narrativa em construção, para tanto, Lygia concorda com Poe, mesmo que não o citando diretamente, ao responder uma pergunta feita em entrevista exclusiva para o Instituto Moreira Salles para explicar as sensações que a escritora tem ao escrever um conto, assim sendo, mesmo que sem intenção, Telles esclarece também o que é o gênero em si:

Eu percebo que está começando a nascer um conto quando, ao analisar as personagens, vejo que elas são, de certo modo, limitadas. Elas têm que viver aquele instante com toda a força e a vitalidade que eu puder dar, porque nenhuma delas vai durar. Isso quer dizer que, com elas, eu preciso seduzir o leitor num tempo mínimo. Eu não vou ter a noite inteira para isso, com uísque, caviar, entende? Preciso ser rápida, infalível. O conto é, portanto, uma forma arrebatadora de sedução. É como um condenado à morte, que precisa aproveitar a última refeição, a última música, o último desejo, o último tudo. (INSTITUTO MOREIRA SALLES, 1998, p. 29).

Em suma, o conto é um gênero mais conciso que o romance, contém personagens mais restritas e geralmente se passa em uma única ambientação, contendo um ou dois, este segundo mais raramente, conflitos principais. É dessa maneira que se pode esclarecer o corpus deste trabalho de maneira mais esclarecedora, uma vez que a vida das personagens avaliadas se passa em poucas páginas e em volta de um único conflito: o relacionamento amoroso, quer seja ele recíproco ou não, como será melhor desenvolvido em breve.

Para tanto, cabe compreender que em “Venha ver o pôr do sol”, publicado originalmente em 1988, Raquel está encontrando um ex-namorado, Ricardo, para tentar entender o que ele deseja, afinal, agora a garota está em um novo relacionamento e não se encontra interessada nas investidas do ex-amante, fato que culmina em seu fatídico encontro com a violência, uma vez que vítima de um ciúme possessivo de Ricardo, é abandonada e deixada para morrer em uma cova distante de um cemitério abandonado.

Já em “A estrutura da bolha de sabão”, publicado pela primeira vez em 1971, o relacionamento acontece de outra forma, o ciúme não vem de um ex-namorado possessivo e sim de uma namorada possessiva que não aceita a amizade entre a narradora e seu companheiro. Apesar de não expressar um crime ao longo do conto, a violência aparece de maneira sutil e mais psicológica através do controle que uma pessoa pensa ter sobre a outra, expressa por meio de dores de cabeça recorrentes que só cessam quando o homem se torna

um moribundo e a garota já não tem mais o que perder, uma vez que ele vai morrer de qualquer forma.

Ambos os contos apresentam um único conflito e poucas personagens envolvidas e, apesar de “A estrutura da bolha de sabão” não ocorrer em um único ambiente como em “Venha ver o pôr do sol”, Lygia não demora nas descrições e envolve o leitor em uma atmosfera simples e bem desenvolvida, o que importa no fim das contas não é onde a narrativa se desenvolve, porém o que realmente acontece na relação entre as personagens. A partir disso, a relação amorosa é posta em destaque neste estudo a partir do ponto de vista do ciúme, porque, afinal, a violência é cometida por conta deste sentimento em nome do amor.

A presença deste monstro de olhos verdes, como assim é chamado este sentimento atualmente, é presente na literatura ocidental desde seus primórdios, como bem esclarece Yara Fredeschi Vieira em seu texto *O monstro de olhos vários: o ciúme na literatura* (2002). Mas, é necessário fazer uma ressalva, apesar de estar presente em obras como Medeia, o ciúme como o entendemos hoje só se torna presente nos textos do discurso ocidental do século XVIII, tendo em vista que nos textos medievais, sobretudo o trovadoresco, não era permitido ao amor cortês sentir ciúme da pessoa amada platonicamente. Assim sendo, para se analisar bem os contos escolhidos, deve-se considerar este sentimento a partir de movimentos como o Romantismo e o Realismo no Brasil, em que se pode ter como exemplo, no século XIX, a obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis, que trata com grande excelência este assunto tão discutido até mesmo nos dias atuais.

No século XX, por exemplo, surgem as obras *São Bernardo* de Graciliano Ramos e *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, que também exploram este sentimento do ponto de vista amoroso e familiar. Tendo em vista esta questão, os contos avaliados apresentam uma perspectiva a respeito do ciúme diferente das obras aqui citadas, uma vez que corresponde a um momento histórico e social completamente diferente e, portanto, representam de formas distintas o mesmo sentimento.

O sentimento, portanto, é o mesmo em toda a literatura que trata deste assunto, porém a forma como este será abordado depende muito dos costumes e o tempo histórico em que está inserida a obra, a influência externa do repertório pessoal do autor em sua narrativa, é o que muda a história partindo de um sentimento comum a todas as pessoas. Obviamente, isto ocorre não apenas com o ciúme, pois é recorrente com o amor e a tristeza também, já que cada história é construída da maneira como melhor convém aquele que a decidi narrar e o sentimento escolhido é com base na própria percepção do autor diante de determinada situação.

Ainda assim, este sentimento está sempre vinculado ao repúdio e a eliminação da personagem como bem pontua Vieira (2002) em seu texto, entretanto, ela se refere a este fato de acordo com os dados estudados no corpus de seu texto. Dessa forma, a autora conclui que o ciúme se dá apenas nas personagens masculinas e culmina na eliminação ou esquecimento da mulher, o que ocorre em “Venha ver o pôr do sol” com a morte de Raquel e em “A estrutura da bolha de sabão” de maneira subvertida, já que culmina no esquecimento da personagem masculina. Este fato demonstra como as personagens femininas estão ganhando mais espaço na literatura contemporânea e são mais conscientes de seus atos, sendo dignas de sentimentos de posse em uma relação amorosa que antes era atribuído apenas a personagens masculinas, o ciúme feminino, por sua vez, era caracterizado com outras nuances e geralmente vinculado a maternidade.

Dito isto, é com mais profundidade que se irá explorar, no presente estudo, o sentimento do ciúme presente nas relações amorosas de dois contos de Lygia Fagundes Telles que apresentam uma forte representação feminina.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

É indiscutível que inúmeros sentimentos e temas já foram abordados na literatura desde os seus primórdios, não é de hoje que se fala a respeito do amor e muito menos é contemporâneo o tema a respeito da pobreza, dessa forma, as relações humanas e o ciúme não são um assunto exclusivo e definitivo da literatura brasileira contemporânea, Vieira (2002) nos mostra as facetas deste sentimento em inúmeras obras ao redor do mundo em seu estudo.

Portanto, é perceptível para qualquer um que a literatura trata dos mesmos temas repetidamente ao longo dos anos, o fator que a mantém viva sem tornar aquele assunto escasso é apenas a mudança de sua perspectiva bem como a mudança social e cultural, ou seja, a literatura dialoga com diferentes valores que mudam ao longo do tempo. Assim sendo, o modo como o autor decide olhar para determinado assunto e descrevê-lo da forma como melhor lhe apetece. A literatura permite que mundos sejam criados, que as fantasias sejam libertas e que dragões existam sem limitações, Lajolo destaca este aspecto em seu livro *Literatura: leitores e leitura* de 2001 que “A literatura fala de vários mundos: alguns parecidíssimos com o nosso, onde, por exemplo, tem gente que morre de fome nas ruas, de mundos muito diferentes, onde vivem espíritos, anjos, energias e demônios.” (LAJOLO, 2001 p. 9), ainda assim, é importante notar que mesmo nas histórias mais extraordinárias que podem existir, florescem ainda os sentimentos do amor e do ciúme, por mais irreal que isto pareça, pois:

A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de representar algo. Há, naturalmente, graus de proximidade ou afastamento do real. Há textos que têm intenção de registrar com mais fidelidade a realidade nossa. Mas a questão não é tão simples assim. Trata-se de registrar qual realidade nossa? a nossa cotidiana, do dia-a-dia? ou a nossa fantasiada? Ou ainda: a realidade contada literariamente, justamente por isto, por usar recursos literários segundo as intenções do autor, sejam estas as de conseguir maior ou menor fidelidade, não seria já uma invenção? (GOTLIB, 1990, p. 12).

Quanto a esta questão, nos dois contos de Lygia Fagundes Telles estudados nesta pesquisa, pode-se perguntar a verdade a respeito destes sentimentos, em que dosagem o ciúme foi descrito? É com base no real ou naquilo que se pensa ser real? A resposta pode não ser tão clara quanto se deseja e nos leva a outra discussão, que não cabe ressaltar no momento. Porém, para explicitar melhor o que norteia as obras de Telles, é importante salientar que a própria escritora afirma basear-se em exemplos e conversas com amigos e irmãos (Instituto Moreira Salles, 1988, pág. 36) e não faz nenhum tipo de pesquisa bibliográfica a respeito dos temas que deseja. Desse modo, com o apoio desta perspectiva, pode-se começar a discutir os sentimentos existentes na obra a fim de melhor elucidar o que ocorre no conto.

O ciúme retratado é de alguma forma comum na realidade pessoal e social da escritora, uma vez que, partindo de seu ponto de vista, há um contato prévio com as nuances deste sentimento. Sendo assim, existe uma inspiração e, por se autodeclarar como uma mulher feminista, pode-se apontar que a inspiração tenha vindo das suas próprias ideias ao observar a realidade ao seu redor, uma vez que a violência cometida contra a mulher em “Venha ver o pôr do sol” seja uma forma de crítica quanto a possessão, os relacionamentos abusivos e barbaridades físicas pelas quais as mulheres estão sujeitas a sofrer até os dias atuais, bem como a rivalidade feminina retratada em “A estrutura da bolha de sabão” pode indicar a crítica de Lygia ao modo como se espera que uma mulher veja a outra ao estar em uma relação afetiva com um homem.

Para melhor entender estes dois pontos de vista, é necessário entender um pouco o que se entende por amor, ciúme e possessão. Lygia afirma ainda em sua entrevista para o Instituto Moreira Salles (1998) que “O amor é entrega, a doação, a paixão - e a paixão é vocação. Se você for explicar a paixão, nunca conseguirá, ela é indefinível” (p. 34) e ainda que “eu vejo a rejeição como um dos maiores sofrimentos da condição humana” (p. 36), logo, a personagem Ricardo de “Venha ver o pôr do sol” e a namorada do físico em “A estrutura da bolha de sabão” são personagens que amam sinceramente a pessoa com que estão ou estiveram, mas a rejeição, ou o medo dela, fez com que este sentimento fosse corrompido, dando abertura para que o ciúme e a possessão sobre o outro se instaure no lugar da paixão.

Ao trabalhar deste modo com os sentimentos das personagens, Telles mostra ao público o realismo intimista de suas obras, este rótulo é o mais adequado de acordo com Massoud Moisés em *A literatura brasileira através dos textos* de 2012, já que “a narrativa desce a pormenores que apenas um olhar voltado atentamente para o mundo exterior pode captar” e “porque revela ao mesmo tempo uma interioridade povoada de emoções e sentimentos antagônicos” (MOISÉS, 2012, pág. 583). Assim sendo, os contos analisados a primeiro momento são histórias que acabam de uma forma cruel, só que somente ao se observar melhor tudo que norteia a narrativa, que se compreende a amplitude dos desdobramentos para se chegar ao desfecho, apenas um olhar atento percebe os sentimentos do amor e do ciúme convivendo dentro de Ricardo e a namorada do físico e, somente um olhar mais apurado ainda, percebe como a violência já nos é apresentada logo no início da narrativa.

Desse modo, é importante avaliar o modo como o amor e o ciúme estão dentro das personagens nos contos analisados, já que justamente através do sentimento de rejeição, o que Lygia qualifica como um dos maiores sofrimentos da condição humana, que ambos se tornam reféns do ciúme e do arquétipo do *monstro de olhos verdes*, como nos lembra Vieira (2002) em seu estudo, assim sendo, Ricardo e a namorada do físico se tornam pessoas possessivas, ninguém mais pode desejar ser o que eles são para o companheiro, como bem exemplifica o seguinte trecho de Ferreira e Mazuchell (2007):

A clara distinção entre dois tipos de amor: o amor afeição (afetivo) e o amor físico (sedução). O primeiro consubstancia-se pela sua pureza e o segundo por sua perversidade, transformando o outro em uma posse, movido primordialmente por um sentimento carnal. Nesse contexto, temos o amante como dono e senhor do ser amado que deseja possuir exclusivamente para si, dentro de um egoísmo desmedido que não suporta a rejeição. (FERREIRA; MAZUCHELL 2007, p. 3).

Percebe-se com base no argumento acima, que o sentimento de posse é comum quando se tem sentimentos predominantemente afetivos pela pessoa amada, é comum que não se queira perder a pessoa e é normal sentir medo da rejeição, entretanto, ainda com base neste trecho, o sentimento do ciúme não anula o amor afetivo em nenhum grau, apenas o transforma na posse do ser amado. Tendo em vista este aspecto, isso não significa que Ricardo e a namorada do físico não amavam seus companheiros porque foram rejeitados, ou tinham medo de ser, pelo contrário, ambos amam ainda a pessoa amada, mas a perversidade e o medo constante de rejeição subverteram esse sentimento em possessão e ciúme desmedido, tornando-os egoístas e violentos com a pessoa amada ou as pessoas que norteiam a vida desta pessoa.

Em “Venha ver o pôr do sol” Raquel concorda em se encontrar uma última vez com seu ex-companheiro, Ricardo, só que ao se deparar com um cemitério questiona porque aquela opção, sob a desculpa de mostrar um esplêndido pôr do sol e visitar entes queridos de sua família, Ricardo mostra os primeiros sinais de alguém que foi rejeitado por outra pessoa e sente amargura por conta disso ao afirmar: “Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida” (TELLES, 2013, pág. 62) e quando ouve o que Raquel tem a dizer a respeito do dinheiro de seu novo companheiro e assume uma postura um tanto quanto estranha, já que “ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente ficou envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.” (TELLES, 2013, pág. 64).

Ao descrever essa pequena mudança de comportamento, de algo mais jovem e aberto para uma fisionomia mais sombria, calculista e envelhecida, sobretudo ao se falar a respeito das qualidades do novo namorado de Raquel, Telles nos mostra de forma bem pincelada o sentimento de rejeição que toma conta de Ricardo, tornando-o uma pessoa ciumenta e tão perversa que é capaz de trancar a garota dentro de um jazigo qualquer e deixá-la para morrer, bem como se pode notar que ele está com ciúme e pensa ser dono da garota amada. Certamente, o ciúme veio da perspectiva de Ricardo diante do novo namorado, o primeiro não é rico e não consegue dar a vida que Raquel deseja com tanto afinco, agora ela é uma mulher mudada, veste-se de forma diferente, tem hábitos novos, porém, o ciúme juntamente com a rejeição fez com que ele decida que ela não pode ter mais ninguém na vida além dele, porque o que importa neste momento é o fato de que ela não corresponde aos sentimentos dele, ele é seu protetor exclusivo.

A violência acontece não somente porque ele a abandonou para morrer, em outro nível, a violência também ocorre ao não permitir que Raquel tenha escolhas próprias, a garota não pode e não é capaz de decidir o que é melhor para sua vida. O fato dele sempre reiterar que eles namoraram e se agarrar com tanto afinco ao passado, citando as vezes em que ele também pode proporcionar boas experiências para ela, é uma violência contra tudo aquilo que Raquel pensa, já que no fim das contas ela não tem poder de escolha sobre a sua vida, está tudo nas mãos de Ricardo desde o começo da narrativa, dessa forma, a crítica de Lygia está nesse momento: as mulheres ainda sofrem com situações envolvendo ex-namorados e pouco podem decidir sobre os caminhos que desejam seguir.

Telles não nos mostra uma garota oportunista que deixou Ricardo por dinheiro e sim uma mulher que estava cansada daquele relacionamento, por motivos que não foram explorados devido a brevidade do gênero, quando Raquel afirma que “Apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele. Palavra que quando penso não entendo até hoje como aguentei tanto. Um ano!” (TELLES, 2013, pág. 64). Em nenhum momento

Raquel deixa claro que nunca gostou de Ricardo, ela esteve presente no relacionamento, sente falta, mas ficou cansada e decidiu seguir por outro caminho em sua vida, até que encontrou alguém por quem realmente tinha os mais sinceros e profundos sentimentos e que podia lhe garantir a vida que ela sempre quis. A falta de respeito com relação a decisão de Raquel, é o que torna Ricardo ainda mais violento, já que tomado pelo ciúme e a rejeição, não pensa duas vezes em matar a garota, porque se ela não decidiu ficar com ele, não pode ficar com mais ninguém em sua vida, ação esta que é presente até os dias de hoje.

Ainda é importante ressaltar que apesar de Ricardo cometer tal violência ao abandonar a garota e não permitir que ela esteja com outro alguém, em nenhum momento há falta de amor por ela, a rejeição tornou este sentimento puro em algo egoísta e capaz de matar, a rejeição é bastante clara no conto e, basicamente, é o que fez agir da forma como agiu, como é bem notado no seguinte trecho:

- Vocês se amaram?
- Ela me amou. Foi a única criatura que... - Fez um gesto. - Enfim, não tem importância.
- Eu gostei de você, Ricardo.
- E eu te amei. E te amo ainda. Percebe agora a diferença? (TELLES, 2013, pág. 66).

Por outro lado, o leitor não se pode deixar enganar, apesar de ser alguém que foi rejeitado e sofre com isso, Ricardo é bastante calculista, o que nos lembra que apenas os olhos mais astutos podem observar as dicas do fatídico destino da garota encontradas na narrativa como em “A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde” (TELLES, 2013, pág. 60) e em “O mato rasteiro (...) invadira as alamedas de pedregulhos enegrecidos como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte.” (TELLES, 2013, pág. 63). Além disso, também se percebe o que está por vir na fala de Ricardo em dois momentos: “Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui.” (TELLES, 2013, pág. 63) e em “Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos.” (TELLES, 2013 pág. 65).

É possível notar que Lygia Fagundes Telles brinca com a antítese existente entre “morto” e “vivo” em sua narrativa, o que deixa claro que a personagem no fim das contas não somente foi abandonada como será morta e que isso não foi feito de última hora e sem intenção, há inclusive uma atenção especial no fim do conto com relação a fechadura nova em folha, tudo foi premeditado, Ricardo deixou claro que o lugar era bastante abandonado, não tinha mais vida e ninguém jamais saberia onde ela estava. A rejeição corrompeu seu amor, o ciúme tomou conta de seu corpo e seus atos foram os mais violentos possíveis com

relação a pessoa amada, pois agora ele é efetivamente a única pessoa em posse da garota, seu posto agora é único e exclusivo, ninguém jamais poderá tê-la e ele não mais terá seu amor renegado.

Já em “A estrutura da bolha de sabão”, a violência ocorre de uma mulher para outra e, em partes, de uma mulher com relação ao companheiro e, diferente do outro conto analisado, a violência é, em suma, psicológica. Em nenhum momento há agressão física, mas tal qual “Venha ver o pôr do sol” o abandono acontece no fim e o amado é deixado para morrer.

Uma garota está apaixonada por um físico que estuda a estrutura da bolha de sabão, entretanto, seus sentimentos não podem ser correspondidos, pois agora ele tem uma nova namorada e é esta quem começa a violência ao perceber que a amiga é uma rival, mesmo que sem nenhum motivo aparente, uma vez que ela acabou de conhecer a amiga do namorado. Só que o medo da rejeição já começa a tomar conta dela no minuto em que percebe uma brincadeira íntima e exclusiva do casal de amigos, esse medo faz com que ela queira descobrir tudo a respeito dos dois, como deixa claro o trecho: “Mas ela queria fazer perguntas. Uma antiga amizade? Uma antiga amizade. Fomos colegas? Não, nos conhecemos numa praia, onde? Por aí, numa praia.” (TELLES, 2013, pág. 140), após este evento a amiga já começa a perceber os pequenos traços de ciúme que se configuram em possessão toda vez que ela sente uma dor de cabeça fulgurante e afasta o amado da amiga.

O medo da rejeição neste caso fez com que o ciúme tomasse conta e a rivalidade feminina nascesse entre as duas personagens, primeiro porque a namorada sente que a outra é uma ameaça e segundo porque a amiga julga a outra como excessivamente ciumenta. Percebe-se aqui que Lygia descreve uma realidade comum até mesmo hoje, já que, culturalmente, a construção social patriarcal a respeito de como uma mulher se comporta na presença da outra, faz com que ambas se vejam como inimigas. Assim sendo, duas mulheres acabam disputando um parceiro e os protegendo de outras mulheres até que o companheiro deixa de ser do interesse de uma delas, como ocorre no conto quando o físico fica doente e não tem mais como rejeitar a atual namorada, pois não faz mais diferença quem ele escolher. Logo, esta visão que uma mulher tem da outra é extremamente negativa e o conto não endossa esta ideia da incapacidade da alma feminina em desenvolver amizades.

O abandono aqui, se configura de maneira diferente do outro conto, a namorada não previu este fato, ela não escolheu abandonar o amado porque não aceitava que ele pudesse estar com outro alguém, contudo, a morte se tornou inevitável, então ela começou a abandoná-lo aos poucos, tanto que o ciúme já não está mais presente no desfecho. Sem a possibilidade de rejeição do parceiro, o ciúme deixa de tomar conta dos sentimentos da

garota, não importa mais que o físico escolha outra pessoa, ele não terá muito tempo de vida, então, o abandono acontece, é psicológico e sutil, ela começa a deixar o namorado aos poucos.

Dessa maneira, sem o medo da rejeição, o amor não se subverte em um sentimento perverso, a namorada não mais sente dor de cabeça quando encontra a amiga dele, inclusive, por não estar mais tomada pelo ciúme e não ter nada a perder, até chega a mudar sua postura e atitude diante da garota, como bem explicita o seguinte trecho “E agora ela abria a porta, bem-humorada. Contente de me ver? A mim?! Elogiou minha bolsa. Meu penteado despenteado. Nenhum sinal de sinusite. Mas daqui a pouco vai começar. Fulgurante.” (TELLES, 2013, pág. 143). Também se percebe aqui uma ligeira mudança de atmosfera, o clima não é mais pesado, a namorada trata bem a amiga, está contente, enche-a de elogios, é um prenúncio do abandono que está por vir, porque o sentimento já não existe mais.

De fato, é observando o físico que a amiga começa realmente a sentir que algo mudou, “Comecei a sentir falta de alguma coisa, era do cigarro? Acendi um e ainda a sensação aflitiva de que alguma coisa faltava, mas o que estava errado ali?” (TELLES, 2013, pág. 144), é a dor de cabeça fulgurante que não está mais presente, a amiga começa a sentir falta da posse da namorada, que agora sem medo da rejeição, já não é mais a protetora exclusiva de seu amado.

Quando, por fim, ela decide deixar o amado e a amiga sozinhos em casa para visitar sua mãe, sem nenhum tipo de protesto e oferecendo a ela todas as serventias da casa, procurando uma forma de deixá-la à vontade, a amiga entende que a falta de dor de cabeça é porque o físico está morrendo, a conclusão chega no momento em que a namorada fecha a porta, um gesto bastante simbólico no fim do conto, e abandona o amado tão disputado.

A violência do conto ocorre, então, contra a amiga que apesar de dar indícios de uma leve paixão, nunca realmente fez isso na frente da namorada ou demonstrou que desejava o físico apenas para ela, desse modo, a rivalidade entre as duas nasce quando a namorada não aceita a amizade, porque a amiga potencialmente pode roubar seu namorado e, como protetora exclusiva dele, a garota começa a controlar mais o tempo dos dois juntos e sentir dores nos momentos em que julga mais apropriados para afastar os amigos. Por outro lado, também há violência da namorada com relação ao físico, uma vez que estar em um relacionamento afetivo, não é motivo para que se controle o que o outro faz ou deixa de fazer, ao limitar a amizade do parceiro e vigiar toda vez que ele fica mais de cinco minutos longe dela, é abusivo e demonstra uma violência psicológica contra a liberdade do físico dentro daquele relacionamento afetivo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber, então, o modo como as temáticas presentes na literatura foram evoluindo ao longo do tempo, já não importa mais falar tanto da terra e da natureza, para o contemporâneo importa tratar das questões sociais, humanas, dos laços afetivos e os sentimentos em um meio mais urbano e mais atento a questões de gênero, por exemplo. Assim sendo, é comum que a tristeza e a violência estejam cada vez mais presentes, uma vez que a literatura brasileira contemporânea é predominantemente urbana e somente as cidades apresentam essa violência com tamanho vigor.

Nota-se também como os sentimentos do ciúme e do amor mudaram, a temática começou a acompanhar a perspectiva da sociedade em que está inserida, justamente por isso que estes sentimentos começaram a ter novas facetas para as mulheres, que tão recentemente consolidaram seu espaço de fala na literatura.

Lygia Fagundes Telles que se coloca como uma mulher feminista e apoia a luta das mulheres, constrói personagens femininas bastante complexas e dignas de respeito em seus contos e romances, não há nada que um homem faça, que uma mulher não pode fazer, agora elas têm a liberdade de escolha, elas podem trabalhar e se sustentar sozinhas, as mulheres não mais são um pano de fundo nas histórias e nem sempre apresentam narrativas ligadas ao amor.

Ainda assim, por mais diferentes que as mulheres estejam sendo construídas na literatura, elas ainda são vítimas da violência, seja ela física, moral ou psicológica, neste momento, Lygia desenvolve uma crítica bastante consciente a respeito do que se espera da mulher culturalmente falando e mostra a realidade de forma bastante criativa com as duas narrativas analisadas. Além disso, é importante ressaltar que não apenas as mulheres são vítimas desses problemas, o problema está no ser humano em si, que com medo da rejeição, torna-se dono do outro e passa a controlar toda e qualquer decisão que este possa vir a ter e subverte o significado do amor, transformando-o em algo perverso e capaz de tomar as piores atitudes imaginadas, como ao abandonar a pessoa amada para morrer em um cemitério ou na cama.

Esta violência, a forma como as relações afetivas se dão ao longo da narrativa e a liberdade da mulher são temas bastante frequentes na literatura contemporânea e crescem cada dia mais impulsionados pelos movimentos sociais em todo o país, assim sendo, a literatura contemporânea está em transição, ainda em construção, não se pode afirmar com certeza todas as formas como ela se estabelece, é certo que ela vem retratando cada vez mais os temas acima citados e este é um dos seus prováveis caminhos na prosa de diversos escritores agora.

Dessa forma, ao começar a estabelecer mais o protagonismo feminino em suas obras, não somente Lygia Fagundes Telles, como tantas outras escritoras que surgiram em meados dos anos 70 e conseguiram colocar seus pensamentos na literatura, permitiram, em partes, que as mulheres conquistassem seu espaço de fala e comesçassem a ter mais relevância dentro de narrativas como elas gostariam de ser descritas, com a crítica que gostariam de ver ser retratadas. É importante que essas obras existam, pois sintetizam toda a coragem e luta das mulheres para conseguir sua liberdade, mesmo que ainda existam fatores culturais a se combater, já que “essa liberdade é só o começo; o quarto é de vocês, mas ainda está vazio. Precisa ser mobiliado, precisa ser decorado, precisa ser dividido. Como vocês vão mobiliar, como vocês vão decorar?” (WOOLF, 2013, pág. 18), assim sendo, as mulheres agora têm a liberdade, então, o que fazer com ela? Como continuar escrevendo? Quais caminhos seguir? Estas respostas hoje são possíveis porque Raquel morreu e duas mulheres brigaram por um homem na literatura bem como por causa da atuação de mulheres intelectuais e escritoras, principalmente de meados do século XIX até agora.

Percebe-se, dessa forma, que nos contos analisados de Lygia Fagundes Telles, o feminino é bastante explorado e uma crítica com relação aos relacionamentos abusivos começa a surgir, o que hoje é muito discutido nas mídias, Telles já apresentava de maneira bem sutil em seus contos. A maneira como um ser humano tenta controlar a vida de outro e é capaz de cometer qualquer tipo de crime em nome do amor puro e verdadeiro, são umas das características dos relacionamentos abusivos, assim sendo, o controle sobre a vida do outro, determinar com quem ele pode ficar ou não, são aspectos explorados em “Venha ver o pôr do sol” quando Ricardo não permite que Raquel fique com outra pessoa e em “A estrutura da bolha de sabão” quando a namorada determina até que ponto o físico pode se envolver com outros amigos.

O modo como a narrativa é construída demonstra o ponto em que as mulheres começaram a ganhar mais fala na literatura e na vida cotidiana brasileira, Raquel que antes ficaria com Ricardo para sempre, agora tem a liberdade para escolher sair de um relacionamento no momento em que achar melhor. Além disso, a amiga do físico que antes seria colocada como uma amante indecente e namorada pintada como uma lunática descabelada. Agora, são duas personagens com plena autonomia de suas vidas e tomando as decisões que julgam ser melhor.

Ainda assim, apesar de ter um espaço muito maior e não estar mais dentro de estereótipos românticos, por exemplo, a mulher ainda tem muito espaço a conquistar e Lygia demonstra isso ao mostrar em “Venha ver o pôr do sol” que apesar de ter a liberdade de escolha, a mulher não é respeitada pelo modo como decide caminhar com sua vida e em “A estrutura da bolha de sabão”, ao retratar que as mulheres ainda são vistas como inimigas

culturalmente e, portanto, devem se comportar como tais, mesmo que não haja nenhum motivo aparente para tal feito.

4. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Cristhiano. Prosa contemporânea brasileira e violência. 2017. Disponível em: <<https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/203/prosa-contemporanea-brasileira-e-violencia>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Lygia Fagundes Telles. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 5, 1998. Semestral.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990 - 2004. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

FERREIRA, K. R. de O.; MAZZUCHELL, C. G. Crime Passional: Quando a paixão aperta o gatilho. 2007. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/1393/1331>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

GOTLIB, N. B. Teoria do Conto. São Paulo: Editora Ática, 1990.

LAJOLO, M. Literatura: Leitores e Leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

MOISÉS, Massoud. A literatura brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2012.

PELLEGRINI, Tânia. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. 2002. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/view/RFRM0202110355A>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

TELLES, L. F. Pomba enamorada ou Uma história de amor: e outros contos escolhidos. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

VIEIRA, Y. F. O Monstro de olhos vários: o ciúme na literatura. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/viewFile/8636171/3880>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres e outros artigos feministas. São Paulo: L&PM Pocket, 2013.